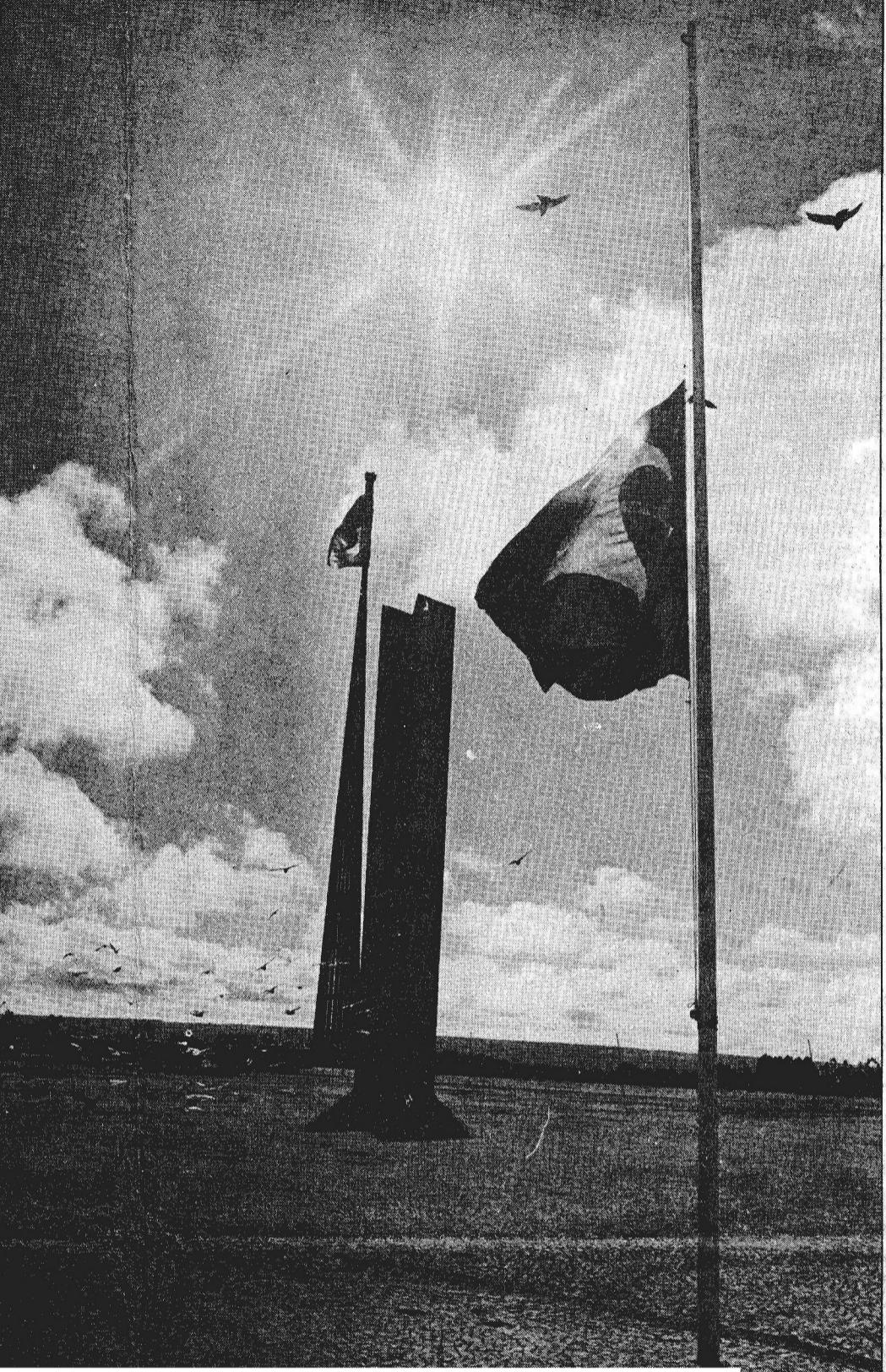


# Clima de consternação toma conta do Congresso

302 Nos corredores, funcionários, funcionários e políticos não conseguiram conter lágrimas de frustração e dor

CHICO DAS NEVES



O Congresso Nacional, só começou a registrar maior movimento às 8:30h da manhã de ontem. Desde uma hora antes, alguns jornalistas já acompanhavam, pela televisão, as notícias vindas de São Paulo.

Apesar do feriado nacional decretado pelo Presidente em exercício, um grande número de funcionários compareceu ao Congresso. Caminhando em silêncio, com um expressão tensa no rosto, todos demonstravam já conhecer a triste notícia que o País já pressentia mas esperava não ouvir. Os ônibus que desciam o eixo estrutural tinham que retornar defronte ao Congresso. Os funcionários caminhavam em silêncio, como numa profissão.

Aos poucos, o Congresso foi ganhando o movimento e a assunto não era outro que não o falecimento do Presidente. Um ambiente carregado, conversas de pé-de-ouvido só quebrada por uma ou outra entrevista que um político dava às rádios e televisões, que, com suas luzes, quebravam de certo modo o clima sombrio, fechado, que a casa do povo vivia. O Salão Verde da Câmara dos Deputados foi o palco da maioria dos encontros e conversas.

A Constituição será respeitada, José Sarney é presidente da República. Esse era o sentimento geral e a frase foi muitas vezes repetida. Ao contrário do que poderia ocorrer algum tempo atrás, a confiança dessa verdade estava expressa em todas as fisionomias. Ninguém mais duvidava disso. Esse, talvez, o grande legado de Tancredo Neves, sempre destacado e reafirmado por muitos.

Na sala de imprensa, já repleta de jornalistas por voltas das 9:30h, só se esvaziou quando o presidente do Congresso, José Fragelli, deu início à sessão solene que anunciaria oficialmente a morte do presidente Tancredo Neves e indicaria José Sarney efetivamente no cargo. Os jornalistas profissionais da "imparcialidade", não escondiam a tensão nos rostos. Apesar de também saberem que essa notícia estava para ser divulgada, mais dia menos dia, em função do desenvolvimento do estado de saúde do Presidente, as expressões não escondiam o descontentamento em ter que trabalhar com uma notícia que ninguém gostaria de ouvir ou dar.

O choro, contido, de uma funcionária da Câmara dos Deputados quando uma multidão nunca vista disperdiu do seu Presidente na capital paulista, contribuiu para aumentar o constrangimento na sala de imprensa.

As 10:20h, quando já estava no fim a sessão do Congresso, chegou o ministro da Desburocratização, Paulo Lustosa.

"Tancredo conseguiu", disse o ministro, "algo que nenhum homem na História do Brasil conseguiu: uniu o País recriando o sentimento de solidariedade e de convivência digna e respeitável entre os homens que professam fé, credo e ideologias distintas. O seu holocausto saneou as bases de uma nova primavera para esse País. O presidente Sarney irá comandar esse grande mutirão destinado a construir a democracia política, econômica e social que os brasileiros aspiram e têm direito a ter".

Depois de encerrada a sessão, por volta de 11 horas, o Salão Verde já começava a se esvaziar. Os jornalistas se retiravam, os políticos, na sua maioria, já tinham saído. O deputado Airton Soares (sem partido — São Paulo), que acompanhou na sala de imprensa a transmissão do cortejo fúnebre em São Paulo, se retirou por volta do meio-dia. Só ficaram os jornalistas terminando suas matérias.

302 Ceilândia